Os Lagostins

Christoph von Schmid

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Katharina era uma menina muito trabalhadora e habilidosa, muito amável e sossegada. Tinha apenas um grande defeito: era muito gulosa. Seus pais possuíam a principal loja de uma próspera cidadezinha do interior. Já em criança, a pequena Katharina não conseguia, ou melhor, não queria resistir à tentação de visitar às escondidas, de vez em quando, as gavetinhas das passas de uva, das passas grandes e das amêndoas açucaradas. Quando cresceu, não tinha escrúpulos de vender secretamente um retalho de tafetá ou de tecido de algodão, um côvado de fita ou de renda, para, com o dinheiro, comprar às escondidas este ou aquele alimento que lhe parecesse um bocado especialmente saboroso. Era sempre uma festa para ela quando acontecia de seus pais passarem uma tarde fora de casa e ela poder cuidar de tudo sozinha. Então havia sempre algo a cozinhar: ora se fazia café ou chocolate, ora se assava um franguinho ou um pombinho.

Certo dia, o pai estava viajando a negócios, e a mãe fora convidada para um banquete de casamento. Katharina queria aproveitar muito bem aquele dia. Pediu a três boas amigas que a visitassem depois do almoço. Serviu-lhes café e bolo, uvas, maçãs e peras, uma grande torta, toda espécie de doces e uma garrafa de vinho tinto doce. A mesa estava tão farta que já não sobrava um lugarzinho vazio onde se pudesse pôr mais uma cestinha de frutas ou um prato de confeitos. As quatro meninas deliciavam-se com tudo; conversavam, brincavam e riam. Mas, justamente quando estavam no auge da diversão, a porta se abriu de repente, e a mãe entrou na sala com uma mulher

desconhecida. As meninas levantaram-se assustadas de seus lugares; Katharina, porém, teria querido afundar na terra de susto e vergonha.

Por enquanto, a mãe nada disse; conduziu a desconhecida à loja. A mulher era do campo; viera à festa de casamento e, durante a refeição, manifestara o desejo de comprar alguns tecidos bonitos, de cores resistentes, para fazer roupas para seus filhos. A mãe de Katharina logo a convidara gentilmente a acompanhá-la à loja depois da refeição, onde poderia escolher entre as mais belas e melhores mercadorias daquele gênero, pelos preços mais baixos. A desconhecida comprou diversas coisas e ficou muitíssimo satisfeita com a compra, e a mãe de Katharina acompanhou-a de volta à hospedaria. Katharina, cujas boas amigas logo se haviam despedido, teve de seguir as duas mulheres, carregando-lhes o embrulho.

Ao anoitecer, a mãe voltou para casa; pouco depois, o pai também regressou da viagem. A mãe não quis aborrecê-lo assim que ele entrasse em casa; só na manhã seguinte lhe contou como Katharina se comportara mal. O pai ficou muito consternado; a mãe, porém, ordenou a Katharina que a acompanhasse até o escritório do pai. Katharina, que pouco dormira na noite passada, seguiu a mãe com o coração trêmulo.

O pai fez-lhe advertências muito sérias. “Querida Katharina”, disse ele, “tua gula me causa muito desgosto. Tu a consideras apenas um pequeno defeito; mas ele é muito grande e tem consequências muito graves. Quem não consegue dominar o apetite nunca se torna uma pessoa nobre. Menos ainda consegue dominar-se em outras coisas e acaba sendo vítima dos sentidos. Quem não consegue ocupar-se com seu trabalho entre uma refeição e outra sem pensar em comida e bebida, esquecendo-se de comer e beber enquanto trabalha, nunca vai longe. E, além disso, o apetite leva à desonestidade. Não poderias ter pago os gastos de ontem se não tivesses vendido às escondidas

muitas coisas da loja e guardado o dinheiro para ti. Mas aquilo de que te aproprias em prejuízo de teus pais também é roubado. Uma filha desleal como tu será um dia uma dona de casa desleal, que fará passar pelo moinho de café o suor de seu marido e o dinheiro que seus filhos guardam para a necessidade e a honra. Oh, não manches tua consciência para agradar ao paladar! Eu preferiria passar a vida inteira com pão preto e água pura a cometer uma injustiça. Quem é tão guloso já não pode exigir o respeito das pessoas; torna-se pequeno e desprezível aos olhos delas."

"Sim", disse a mãe, "é exatamente como teu pai está dizendo — e, com os doces, ainda estragas teus belos dentes. Logo começarás a ficar sem dentes; sim, todos ficarão pretos e talvez até apodreçam e caiam — e muito pão açucarado estraga o estômago, e beber café demais, sobretudo na juventude, deixa a pele amarela e ressequida e faz envelhecer cedo — e centenas de doenças são consequência do apetite desmedido. Quantos pobres doentes poderias ter reconfortado com o dinheiro que, desde os anos de tua infância, gastaste em guloseimas, comprando para ti apenas doenças! Lembra-te de que o ser humano não tem somente um estômago, mas também um coração. A alegria do coração ao reconfortar os pobres e alegrar os amigos é infinitamente maior que o pequeno e breve prazer de um alimento. Teme o pecado! Lembra-te de minhas palavras: Deus certamente ainda te castigará se não te corrigires. Toda fraude acaba sendo descoberta. Não há fio tão fino que, por mais bem fiado, não venha um dia à luz do sol."

"Assim é", disse o pai; "eu mesmo já vi Deus trazer maravilhosamente à luz do dia as mais astutas fraudes de pessoas más, e os fraudadores serem então punidos. Creio que, se voltares a fazer uma coisa dessas, ela certamente não ficará escondida. Nesse caso, não te sairás bem. Eu te trancarei durante quatro semanas — a pão e água, para te acostumar a uma refeição moderada."

Katharina reconheceu a verdade das advertências do pai e da mãe; derramou lágrimas de arrependimento e prometeu que certamente se corrigiria. Mas logo recaiu no velho defeito. Certa manhã, seus pais foram a uma cidade comercial vizinha. O pai tinha negócios a tratar ali; a mãe queria visitar uma prima doente. Ambos recomendaram insistentemente a Katharina que cuidasse bem da casa e não fizesse convites como os da última vez. No entanto, duas amigas de Katharina apareceram sem ser convidadas. Katharina pensou: "Não seria conveniente despedi-las assim, sem nada, sem lhes oferecer ao menos uma xícara de café." Resolveu, porém, não esconder isso dos pais. Entretanto, não estava tão alegre como de costume. Por isso, as duas amigas também foram embora mais cedo do que haviam pretendido.

Pouco depois chegou um camponês com um alforge atravessado sobre os ombros. Queria comprar pano vermelho para um colete de seu filhinho, que o acompanhava. Mas o homem achou o tecido caro demais e já ia abrindo a porta. Então Katharina disse: "O que tendes aí nesse saco, que faz um barulho tão estranho?" "Lagostins!", disse o homem. "Como, lagostins?", exclamou Katharina. "Dizem que são muito bons de comer, não é?" "Eu diria que sim", respondeu o homem; "são o prato predileto de vosso senhor prefeito." "Estão à venda?", perguntou Katharina muito depressa. "Estão praticamente vendidos", disse o homem; "a senhora prefeita sempre fica com todos os que eu trago. Mas estes lhe darão uma alegria especial, e ela me pagará bem por eles. Olhai!", disse ele, abrindo o saco. "São muito grandes, e todos de carapaça nova; enfeitariam uma mesa principesca."

"Pois sabeis de uma coisa?", disse Katharina. "Fico com uma dúzia deles. Tendes tantos que o senhor prefeito ainda poderá fartar-se com os restantes. Quanto ao pano vermelho, creio que agora logo chegaremos a um acordo. Esperai só um pouco!" Ela voou escada acima. Já havia algum tempo, separara um pequeno retalho de pano escarlate, e agora desceu com ele. "Vede", disse

ela, medindo o pano escarlate no menino, “isto dará um colete de gala para o pequeno e, como é um retalho, posso deixá-lo mais barato.” O negócio se realizou. Entretanto, Katharina não se sentiu muito à vontade ao embolsar o dinheiro, enquanto o camponês contava a dúzia de lagostins numa tigela de barro. Como ela confessara sinceramente que nunca havia cozinhado lagostins, o homem ainda lhe explicou como deveria prepará-los e foi embora.

Depois que o homem partiu, ela ficou ainda mais aflita. “Eu não deveria ter comprado os lagostins!”, disse; “mas agora já está feito, e não posso simplesmente jogá-los fora.” Pôs os lagostins ao fogo numa panela cheia de água, acrescentou sal e alcaravia, tampou-os e mal podia esperar para saber que gosto teria aquele prato delicioso. Para seu aborrecimento, a sineta da loja tornou a tocar, e ela teve de demorar ali mais do que desejava. Correu de volta à cozinha o mais depressa que pôde. Mas, quando levantou a panela do fogo com uma das mãos e, ao mesmo tempo, retirou a tampa com a outra, deu um grito alto e deixou a panela cair de susto. Pois vira, horrorizada e apavorada, a cor vermelha intensa dos lagostins e, no mesmo instante, lembrara-se do pano escarlate de que se apropriara. Pensou nas palavras de seus pais: “Deus ainda a castigaria e traria suas fraudes à luz.” O fenômeno maravilhoso de todos os lagostins ficarem vermelhos ao ferver, sobretudo quando têm carapaças novas, era completamente desconhecido de Katharina. Ela acreditava que aquele acontecimento era único em sua espécie, e seu espanto era tão grande quanto seu susto. O susto aumentou ainda mais porque a panela quebrara duas delicadas xícaras de café com aros dourados, que ainda estavam sobre o fogão. Lagostins e cacos jaziam misturados na bandeja do café. Katharina não sabia dar fim a suas lamentações. Não ousava tocar nos animais vermelhos, assim como não tocaria em brasas. Chegou a temer que a cor vermelha viesse de veneno. Pediu inúmeras vezes a Deus perdão por seu pecado e decidiu seriamente nunca mais cometer o velho erro.

Nesse instante, ouviu uma corneta de correio e o estrépito de uma carruagem que parava diante da casa. “Ah, meu Deus!”, exclamou Katharina. “Agora ainda chegam meu pai e minha mãe! Eu só os esperava daqui a duas horas! Ah, o que dirão desta história!” Correu-lhes ao encontro, cheia de aflição e com os olhos molhados. “Oh, meus pais tão queridos!”, exclamou. “Vinde comigo à cozinha e vede que coisa estranha e espantosa aconteceu!” Os pais foram com ela à cozinha para se convencerem com os próprios olhos daquele acontecimento inaudito. “Oh, céus!”, exclamou a mãe. “Minhas belas xícaras!” “Isso também é uma grande desgraça”, disse Katharina; “mas olhai primeiro os lagostins, como ficaram!” “Ora”, disse o pai, “não vejo nada de especial neles; estão como ficam todos os lagostins cozidos.” “Ah, meu Deus!”, exclamou Katharina, novamente assustada. “A mim parecem inteiramente escarlates, e isso vem daquele pedacinho de pano escarlate de que me apropriei e que vendi às escondidas.” Confessou sinceramente como, pelo desejo de provar um prato que lhe era novo, trocara o pano escarlate e algum dinheiro pelos lagostins.

Por mais descontente que o pai estivesse com o comportamento da filha, teve de rir do susto de Katharina, do qual ela própria tinha culpa; e a mãe, como cozinheira experiente, também não conseguiu conter um sorriso diante do engano da filha.

O pai, porém, logo voltou a ficar muito sério, tomou Katharina pela mão e falou com firmeza: “Tens, de fato, motivo para te horrorizares com tua falta; mas teu susto diante da cor vermelha dos lagostins não tem fundamento. Não sabes que todos os lagostins ficam vermelhos quando os cozinhamos, assim como alguns peixes ficam azuis ao serem cozidos. É um fenômeno da natureza maravilhoso, mas inteiramente comum, embora para ti devesse parecer algo extremamente incomum e extraordinário. Mas, por mais natural e comum que seja esse fenômeno, o fato de ele ter ocorrido justamente no instante em

que fazias o mal é uma disposição de Deus, que governa todas as coisas, até as menores. Toma, portanto, o susto que esse acontecimento te causou como uma advertência de Deus. Agiste muito mal, e entristece-me profundamente que não tenhas dado ouvidos às advertências honestas e bem-intencionadas de teu fiel pai e de tua boa mãe, nem à voz de tua consciência, e tenhas voltado a cometer o velho erro. Mas Deus, por essa notável disposição, deu mais força à voz de tua consciência e te fez prestar-lhe mais atenção; viste tua culpa nessa inocente cor vermelha e tremeste diante da justiça punitiva de Deus. Reconhece o poder da consciência, dessa voz de Deus em nós. Quem peca tem de ouvi-la — mesmo contra a vontade. Treme diante da própria sombra e se assusta com uma folha que farfalha. Por toda parte vê somente sua culpa; tem de estar sempre com medo, e toda a natureza se torna terrível para ele. Sim, o menor acaso pode abalá-lo e trazer sua culpa secreta à luz. Age, portanto, sempre de modo que nunca tenhas nada a temer diante de Deus e dos homens; assim, o susto passageiro que tiveste te trará uma bênção duradoura por toda a tua vida."

O pai viu a consternação de Katharina, seu arrependimento e sua seriedade em corrigir-se, e dispensou-a do castigo com que antes a ameaçara, mas que agora já não julgava necessário.

De fato, a impressão que aquele acontecimento causara em Katharina nunca mais se apagou de seu coração. Nunca mais se apropriou indevidamente de um único heller; esforçou-se ao máximo para dominar sua gula. Contentava-se com os alimentos comuns, não exigia iguarias, nunca queria comer fora de hora e tornou-se, em geral, extremamente moderada no comer e no beber. Quando já havia muito tempo era casada, uma cidadã abastada e respeitada e uma mãe e avó feliz, ainda se lembrava do susto que aqueles lagostins lhe haviam causado; e, ainda recentemente, quando estava numa refeição alegre e foi servida uma tigela cheia dos mais belos lagostins

vermelhos, rodeados de frescas folhas verdes de aipo, contou o acontecimento a seus netos, que a escutavam atentos. Ao final da narrativa, acrescentou: “Os lagostins costumam andar para trás; é por isso que também se diz das pessoas esbanjadoras, cujos negócios domésticos vão para trás, que estão seguindo o passo do lagostim. A mim, porém, os lagostins ajudaram a ir para a frente; mas não é aos lagostins, e sim a Deus, que se serviu deles para minha correção, que devo agradecer por ter aprendido a dominar meus desejos, por ter evitado todo apetite desordenado por comida e bebida e, em geral, toda espécie de gasto desmedido, e por ter alcançado assim uma prosperidade nada pequena, felicidade e bênção.”

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Codex · tradução assistida por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/os-lagostins-christoph-von-schmid